



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORFOSSINTAXE DE GÊNERO

SOME COMMENTS
ON THE MORPHOSYNTAX OF GENDER

Daniel da Silva Carvalho¹
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Neste artigo, faz-se um esforço para definir gênero como uma categoria gramatical complexa. O principal objetivo do presente estudo é investigar sincronicamente forma e função de gênero a partir da hipótese de que a manifestação formal e funcional de gênero no mundo real segue princípios universais na língua. Para tanto, o artigo discute propostas correntes sobre a manifestação formal e funcional de gênero nos nomes e pronomes (e.g. AUDRING, 2014; KRAMER 2015), objetivando descrever seu comportamento e possíveis consequências para a sintaxe de línguas como o português brasileiro, língua que mostra algumas especificidades na concordância de gênero.

Palavras-Chave: Gênero; Categoria gramatical; Morfossintaxe.

Abstract: *This paper is an effort to define gender as a complex grammatical category. The main goal of this study is to investigate synchronically form and function of gender, departing from the hypothesis that the formal and functional manifestation of gender in the real world follow universal principles in language. To do so, this paper will discuss current proposals about formal and functional gender manifestation in nouns and pronouns (e.g. AUDRING, 2014; KRAMER, 2015), aiming to describe their behaviour and possible consequences for the syntax in a language such as Brazilian Portuguese, language which shows some specificities for gender agreement.*

Key-Words: *Gender; Grammatical category; Morphosyntax.*

¹ doisolhos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, não há uma morfossintaxe universalmente aceita para gênero dentro da empreitada chomskyana, mesmo a relação entre léxico e sintaxe sendo a questão mais fundamental no aparato da gramática gerativa (KRAMER, 2009, p. 5). A marcação morfológica de gênero pode ser semanticamente motivada (CORBETT, 1991) e, possivelmente por essa razão, gênero tem sido considerado como um traço lexical formal interpretável no desenvolvimento gerativista mais recente (CHOMSKY, 1995; CARSTENS, 2000, 2010). Entretanto, as marcas morfológicas de gênero não têm necessariamente uma contraparte semântica. As línguas românicas são um exemplo de que a noção de interpretabilidade deve ter um significado internamente motivado, pelo menos no que concerne a gênero. Nessas línguas, há apenas duas possibilidades de valor para se assumir o traço de gênero – masculino e feminino. Há, portanto, duas marcações de gênero passíveis de serem aplicadas a todos os nomes, mas apenas em um subconjunto de nomes, os que possuem o traço [+animado], gênero gramatical pode ser associado a um gênero natural – macho/masculino e fêmea/feminino. Nesses casos, o valor de gênero é opcional. Considerando nomes que possuem o traço [- animado], o valor de gênero é sempre invariante ou intrínseco. Sua atribuição a um marca de gênero particular – masculino ou feminino – parece, portanto, completamente arbitrária. Interpretabilidade, nesses casos, está exclusivamente relacionada à possibilidade de um elemento do léxico controlar concordância – sendo o elemento interpretável aquele que controla a concordância.

Concordância gramatical envolve dois elementos linguísticos que compartilham um traço lexical (tais como *gênero*, *número* e *pessoa*), com um valor particular (*masculino* ou *feminino*, *singular* ou *plural*, por exemplo): um **controlador**, que determina o valor a ser assumido pelos traços formais lexicais dos elementos em seus domínios sintáticos; e um elemento controlado, ou **alvo**, sintaticamente relacionado com o primeiro (cf. COLBERTT, 1991). Em algumas línguas, concordância gramatical pode resultar em flexão do elemento controlado, o que torna uma operação sintática reconhecível pelo sistema de processamento da língua. Concordância de gênero é universalmente controlada por um **nome**. O tipo de relação de concordância de gêneros que são morfofonologicamente expressos em elementos sintaticamente relacionados com o nome varia interlinguisticamente e caracteriza o sistema de gênero de cada língua particular.

Em português, como em outras línguas românicas, concordância pode ser observada na morfologia dos determinantes, adjetivos e formas participiais.

- (1) a. A cerveja gelad-a
b. O coco gelad-o
c. Maria foi encontrad-a mort-a
d. João foi encontrad-o mort-o

Em (1a), o nome *cerveja* é lexicalmente feminino, exigindo que seus elementos satélites concordem com ele – tanto o artigo definido quanto o adjetivo são marcados com a flexão do feminino. Em (1b), o mesmo ocorre com o nome masculino *coco*, engatilhando flexão masculina no determinante e no adjetivo. Em (1c,d), a forma participial concorda com os nomes, sendo o feminino marcado para *Maria* e o masculino, para *João*.

Em outras línguas, como o hebraico (LEVY, 1983), a concordância de gênero também é expressa na morfologia de verbos finitos, como em (2). Ainda, há línguas, como o inglês, em que concordância gramatical de gênero não pode ser observada morfologicamente, como mostra o exemplo em (3). Nesse caso, há apenas concordância pronominal, o que está fora do escopo das operações gramaticais.

(2)

Dani haya margiz /et kulam kσ&ehu haya oxel xacilim

Dani be.PST.M.SG.3 annoy.M.SG ACC everyone when-he be.PSRT.M.SG.3 eat.M.SG eggplants

(Shlomsky, 1989, p. 16)

- (3) a. The cold beer.
 A gelada cerveja
b. Mary was found dead.
 Maria foi encontrada morta

Concordância de gênero não tem sido extensivamente estudada nas teorias linguísticas e não há uma proposta teórica disponível em que sejam caracterizados os fatores que determinam a expressão morfofonológica da concordância de gênero em uma língua particular. De qualquer modo, o

programa minimalista (CHOMSKY, 1995, 2001) oferece um base teórica em que esse processo pode ser abordado.

De acordo com Correia e Name (2003), o português tem um sistema de gênero com dois valores – masculino e feminino. O valor do traço de gênero dos nomes pode ser intrínseco ou opcional. O primeiro se aplica a todos os nomes inanimados, como *o leite, a casa* e a alguns poucos nomes animados, como *a criança*. A opcionalidade está relacionada ao gênero natural/biológico (sexo) e varia de acordo com a função do referente do DP². O valor opcional do traço de gênero é morfologicamente expresso através do morfema *-a*. A forma feminina é, portanto, aquela morfologicamente marcada. Câmara Jr (1972, p. 119) já apontava para o fato de o feminino, em português, ser uma particularização morfossemântica do masculino, a forma marcada pela adjunção do morfema *-a*. A partir de pares como *lobo/loba, mestre/mestra*, Câmara Jr afirmava que a gramática do português, de forma geral, pressupunha uma oposição privativa na flexão de gênero. O masculino seria, portanto, a forma genérica, não-marcada, enquanto o feminino indicaria especificação de alguma sorte (CÂMARA JR, 1970, p. 78).

Câmara Jr chama atenção ainda para o fato de, no português, a flexão de gênero ser expressa na literatura de forma confusa e incoerente, uma vez que há uma incompreensão semântica do nome, geralmente causada pela confusão entre gênero e sexo.

De volta à categorização morfossemântica de gênero, um subconjunto de nomes com o traço [+animado] é flexionado para gênero. Nesse caso, o morfema de gênero *-a* é adjungido à base masculina como em *professor/professor-a; peru/peru-a*. Outros nomes com o traço [+animado], tais como *vítima* e a maioria dos nomes de animais, como *cobra* e *jacaré*, não são flexionados para gênero. Quando a base masculina termina com a vogal temática *-o* ou *-e*, a adjunção do morfema de gênero causa supressão da vogal temática, como em *menin-o/menin-a, mestr-e, mestr-a*. Para nomes derivados [+animados] em *-(a)nte* ou *-ista*, como *estud-ante, dent-ista*, da mesma forma que finais consonantais, como *refém*, a expressão morfológica do valor do traço de gênero opcional se restringe à flexão do determinante concordando com o nome (*o/a estudante*). Há, entretanto, um padrão co-relacionado entre a forma morfológica do nome e seu gênero. Por razões históricas, a maioria dos nomes terminados com a vogal temática *-o* são masculinos, enquanto a maioria dos

² Determiner Phrase do original em inglês.

nomes terminados com a vogal temática *-a* são femininos. Uma vez que a vogal temática *-a* tem a mesma forma morfológica que a flexão de gênero *-a*, um padrão associativo pode ser identificado entre *-o* final para nomes masculinos e *-a* final para nomes femininos, independentemente de seu status morfológico (CORREIA; NAME, 2003).

A concordância de gênero em português é morfológicamente marcada pela presença do morfema flexional feminino *-a* em elementos que são sintaticamente relacionados com um nome feminino em um DP – determinantes e adjetivos, como também participípios, que são sintaticamente relacionados com o DP dentro de um IP.

Todos os membros de uma categoria determinante – artigos definidos e indefinidos e pronomes demonstrativos – são flexionados para gênero em suas formas marcadas. Pronomes possessivos, que são subordinados a um núcleo determinante (D) na derivação, também são sempre flexionados para gênero. Da mesma forma, adjetivos, cujas formas masculinas terminam em *-o* são flexionadas para gênero (com a substituição de *-o* pelo morfema *-a* nas formas femininas, como em *bonit-o/bonit-a*. Aqueles adjetivos terminados em *-e* ou em consoante são invariáveis para gênero, como *contente* e *feliz*.

Esse panorama é necessário para entendermos o comportamento da concordância de gênero no português, uma vez que, em alguns casos, essas regras não se aplicam. É o caso da concordância de nomes nus em construções predicativas copulares com adjetivos qualificadores, tais como *bom/boa*, nessa língua. Nessas estruturas, o predicativo não obedece a nenhuma regra de concordância morfológica acima citada. É, inclusive, agramatical o resultado da tentativa de concordância morfológica.

- (4) a. A cerveja é boa
b. *A cerveja é bom
c. *Cerveja é boa
d. Cerveja é bom

Esse tipo de dado nos leva a repensar o estatuto de gênero dentro da gramática, assumindo uma robustez deste traço (complexo) que parece entrar em uma intrincada relação com outros traços na gramática, como [definitude]. Antes de discutirmos esta hipótese, algumas palavras sobre a natureza de gênero tornam-se necessárias.

-
- (7) a. a kicsi tehén **Húngaro**
a pequena vaca
b. a kicsi bika
o pequeno boi (KRAMER, 2015, p. 110-111)

Como nota a autora, em húngaro, “vaca” e “boi” são palavras distintas e carregam um componente significante de sexo biológico, mas, uma vez que não há padrões de concordância, a língua é considerada como não tendo um sistema de gênero.

Os termos *classe de gênero* e *línguas com gênero* (*gender class* e *gender languages*, respectivamente) precisam ser definidos mais precisamente e com referências mais explícitas para o sistema de classificação nominal. Enquanto no sistema classificador de número a filiação de classe dos nomes é marcada apenas em contextos sintáticos restritos (praticamente na codificação de quantificação), a filiação de classe em línguas de classes nominais engatilha concordância em diversos elementos dentro e fora do sintagma nominal. Línguas com sistema de classe têm um número relativamente pequeno de classes (pouco mais de vinte de acordo com Hellinger e Bußmann, 2001). Essas classes consistentemente estruturam todo o léxico nominal. Hellinger e Bußmann sugerem, então, que deve haver uma diferenciação entre *línguas com gênero* e *línguas com classes nominais*, baseados em fatores gramaticais e semânticos. Essa distinção também se faz necessária pela motivação fundamental deste artigo na representação de *feminino/fêmea* e *masculino/macho*.

Línguas com gênero são ilustradas por muitas línguas indo-europeias e semíticas. Essas línguas têm apenas um número limitado de classes de gênero, normalmente duas ou três (cf. HELLINGER; BUBMANN, 2001, p. 5). Nomes não carregam necessariamente marcas de filiação de classe, mas há concordância (obrigatória) com outras classes de palavras, tanto dentro como fora do sintagma nominal. Mais importante, filiação de classe não é arbitrária no que diz respeito à referência animada/pessoal, mesmo com o chamado *gênero arbitrário*, como mostra Kramer (2015). Línguas desse tipo são tradicionalmente chamadas de *línguas de gênero* ou *línguas com gênero gramatical*. Um grande número de línguas pertence a esse grupo: árabe, português brasileiro, tcheco, dinamarquês, holandês, francês, grego, hebraico, hindi, islandês, italiano, norueguês, polonês, romeno, russo, entre muitas outras.

Línguas de classe nominal apresentam uma correspondência nada óbvia entre classe e especificação do nome como especificamente feminino ou especificamente masculino. Essas línguas, como o swahili, por exemplo, têm um número maior de classes do que línguas de gênero. Geralmente, classe é explicitamente marcada no nome, como prefixos nas línguas bantu, por exemplo, que engatilham concordância extensiva a outras classes de palavras.

A ausência de gênero gramatical em uma língua não significa que essa categoria não seja comunicada. Há várias formas de representação de gênero, por exemplo gênero lexical ou social, que podem ser empregados para transmitir mensagens contendo gênero. Não obstante, todas essas categorias de gênero – gramatical, lexical, referencial e social, como apresentadas em Hellinger e Bußmann (2001) – nas línguas, têm uma contrapartida gramatical. Qualquer representação de gênero, seja como uma categoria morfológica, semântica ou pragmática, exige uma leitura apropriada dentro da computação em qualquer das línguas acima mencionadas.

2 A MANIFESTAÇÃO DO TRAÇO DE GÊNERO

Gênero pode ser definido como um traço morfossintático, uma vez que é relevante tanto para a morfologia quanto para a sintaxe. Entre seus pares, pessoa e número, gênero é o traço mais enigmático e um dos que têm levantado mais questões na literatura linguística (AUDRING 2009, 2014; CORBETT 1991, 2006, 2013; CURZAN 2003; DUKE 2010; KRAMER 2009, 2015; MILLS 1986; MOORE 1921; SIEMUND 2008; TRUDGILL 1999, entre muitos outros). Uma forma de lidar com esse assunto é assumir um ponto de vista teórico que represente o mais elementar grau de complexidade. Na literatura, esse ponto tem sido procurado no signo linguístico saussureano, o emparelhamento de forma e significado. Nessa perspectiva, cada forma deve ser funcional, cada função deve ser expressa apenas uma vez em uma expressão e a relação entre forma e função deve ser sistemática, tanto em termos de significado lexical como de função gramatical. Um sistema linguístico com essas propriedades é geralmente chamado *transparente* (HENGEVELD, 2011 *apud* AUDRING, 2014). Recentemente, tem-se assumido que transparência está associada com línguas em estado de desenvolvimento inicial. Na medida em que esses sistemas se desenvolvem através de seu ciclo de vida, eles normalmente desenvolvem um grau progressivo de opacidade.

A gramática de gênero também é entendida como sendo um fenômeno “maduro” nas línguas (DAHL, 2004). Como Dahl (2004, p. 112) afirma, “grammatical gender systems generally presuppose rather long evolutionary chains and are in this sense among the more clearly mature elements of language”. Isto é reforçado pelo fato de gênero ser tipicamente ausente em gramáticas crioulas (BAPTISTA 2002; MCWHORTER, 2001).

De acordo com Audring (2014), sistemas de gênero desafiam três critérios de transparência. Em primeiro lugar, gênero gramatical é altamente irregular em sua funcionalidade. A informação de gênero em uma sentença contribui muito pouco para o valor informacional da expressão. A autora mostra o contraste entre inglês e italiano:

- (8) a. a long story
b. un-a lung-a storia

Ambas as sentenças têm o mesmo significado, salvaguardando a informação gramatical adicional em (8b), uma vez que o italiano, como definido anteriormente, é uma língua de gênero e marca gênero redundantemente através da sentença (como visto em **negrito**). A razão de as línguas gramaticalizarem tais marcas não é bem compreendido.

Em segundo lugar, gênero é complexo de acordo com sua forma. As duas características responsáveis por essa complexidade são inerentes a todos os traços morfossintáticos: redundância e deslocamento. Redundância significa marcas formais repetidas, por um lado, e ausência de informatividade semântica por outro, como pode ser visto no exemplo em (9). Redundância corresponde à maior complexidade porque desafia o mapeamento um-para-um entre forma e função. Além disso, a informação expressa é deslocada na medida em que “one word [carries] the grammatical meaning relevant to another” (Corbett, 2006, p. 1). A informação de gênero pertence ao nome, mesmo que expresso em outras palavras alhures. O fato de gênero pulular em toda a sentença em algumas línguas, mas sequer aparecer em nomes em outras, ilustra sua complexidade inerente.

Finalmente, a questão de se o traço de gênero tem ou não conteúdo semântico vem à baila. Há dois grandes domínios tradicionalmente mencionados em relação a gênero: sexo e animacidade. Ainda, muitos sistemas de gênero não são claramente e/ou obviamente semânticos. Corbett (1991, p. 34)

afirma que todos os sistemas de gênero tem um “núcleo semântico”. Entretanto, esse núcleo geralmente é rodeado por uma malha de regras que faz referência a outras propriedades (AUDRING, 2014, p. 7).

Audring (2014) assume, então, que um Sistema de gênero é complexo, baseada em três dimensões:

- i) o número de valores de gênero;
- ii) o número e a natureza das regras de atribuição;
- iii) a quantidade de marcas formais.

Para (i), a autora afirma ser este o critério mais óbvio, uma vez que constitui um caso de *complexidade constitucional* (RESCHER, 1998). De acordo com isso, o número mínimo lógico de gêneros é dois. Sistemas de dois gêneros são as variantes mais comuns. De acordo com The World Atlas of Language Structure (WALS), Corbett (2013), a partir de uma amostra de 257 línguas, 112 mantém ou desenvolveram um Sistema de gênero. Destas, 50 (45%) têm dois gêneros. Três gêneros são encontrados em 26 línguas e quatro gêneros em cerca de 12. Ainda, as línguas com o maior número de gêneros até então são Mountain Arapesh com 13 gêneros, Ngan’gityemerri com 15 e Nigerian Fula com cerca de 20 gêneros (CORBETT, 2011 para referências).

Como gênero é definido como um sistema de classes de concordância, concordância é o critério pelo qual tradicionalmente se decide quantos gêneros uma língua possui e quais nomes pertencem a quais gêneros. Assim, considerando (9), do italiano, sabemos que *donna* é feminino e *uomo* é masculino, porque apresentam concordância feminina e masculina respectivamente. A vogal final do nome, contrastivamente, não é um indicador confiável de gênero. *Mano*, em (9d), parece um nome masculino, mas é na verdade feminino, como sua concordância demonstra. Entretanto, podemos examinar qualquer alvo de concordância e chegar à conclusão de que o artigo indefinido *una* e o adjetivo *alta* em (9a) são igualmente uma boa evidência para o gênero feminino de *donna* uma vez que o artigo definido *la* e o adjetivo *vecchia* in (9c) concordam com o nome no feminino.

- (9) a. un-a donna alt-a
 INDEF-F.SG MULHER(F).SG ALTA-F.SG
 “uma mulher alta”

- b. **un** uomo alt-**o**
 INDEF-M.SG HOMEM(M).SG ALTO-M.SG
 “um homem alto”
- c. l-**a** donna vecchi-**a**
 DEF-F.SG MULHER(F).SG VELHA-F.SG
 “a mulher velha”
- d. l-**a** mano sinistr-**a**
 DEF-F.SG MÃO(F).SG ESQUERDA-F.SG
 “a mão esquerda”

Entretanto, nem todos os sistemas de gênero são tão explícitos quanto os dados do italiano sugerem. Quatro condições devem ser encontradas para o método de concordância ser falseável:

- (i) Controladores e alvos distinguem o mesmo valor de gênero;
- (ii) Todo alvo distingue o mesmo valor de gênero;
- (iii) Controladores são constituintes no valor de gênero que engatilham em um alvo particular;
- (iv) Dado o mesmo controlador, todo alvo exibe o mesmo gênero em todas as circunstâncias.

Como mostra Corbett (1991, p. 150), nem todas as línguas aderem a esses princípios. O romeno é conhecido por violar a primeira condição ao apresentar dois ou três gêneros, dependendo da perspectiva. Na perspectiva do controlador, são três gêneros: os nomes precisam ser distribuídos em três classes para explicar seus efeitos nos elementos com os quais concordam. Ainda, os elementos próprios concordantes apresentam apenas marcas morfológicas para dois gêneros diferentes:

	Singular	Plural
Masculine	-∅	-i
Feminine	-ă	-e

Quadro 1 - Morfologia de gênero em romeno (versão preliminar)

A não correspondência entre o gênero do controlador e do alvo tem engatilhado um extenso debate sobre a questão de o romeno ter dois ou três gêneros. Entretanto, Audring assume que algo como o Quadro 2 parece ser mais adequado para descrever o paradigma de gênero em romeno. A única particularidade é que os padrões de sincretismo são tais que não há marca de concordância única para gênero neutro (cf. AUDRING, 2014).

	Singular	Plural
Masculine	-∅	-i
Feminine	-ă	-e
Neuter	-∅	-e

Quadro 2 - Morfologia de gênero em romeno (versão final)

Audring aponta que um problema similar surge quando o alvo falha em marcar o mesmo número de gêneros, o que é comum nas línguas germânicas, por exemplo. Nesta língua, o possessivo pode estabelecer uma relação de concordância tanto com o possessor quanto com o possuído, como visto no exemplo em (10).

- (10) a. *sein-∅* *Freund*
 POSS.M.SG-M.SG amigo.SG
 “Seu (masculino) amigo”
- b. *sein-e* *Freundin*
 POSS.M.SG-F.SG amiga.SG
 “Seu (feminino) amigo”
- c. *ihr-∅* *Freund*
 POSS.F.SG-M.SG amigo.SG
 “Sua (masculino) amigo”
- d. *ihr-e* *Freundin*
 POSS.F.SG-F.SG amiga.SG
 “Sua (feminino) amigo”

Toda a discussão acima traz consigo evidência sobre o fato de o número de gêneros ser conflituoso, tornando difícil o acesso à complexidade dos valores de gênero.

A segunda dimensão em que gênero pode ser mais complexo tem a ver com o sistema de regras de atribuição. Em uma língua ideal, espera-se que a atribuição de regras de concordância seja simples e de viés semântico. Isto faz sentido se levarmos em conta o fato de o sistema de gênero, até onde sabemos, surgir de sistemas de classificadores ou ainda de referência pronominal, que são semânticos por natureza. Ainda, menos da metade das 112 línguas de gênero constantes na amostra do WALS são exclusivamente organizadas sob uma base semântica. A maioria aplica uma mistura de regras semânticas e formais, em que regras formais podem se referir a propriedades fonológicas e/ou morfológicas dos nomes. Em (11), a seguir, exemplifica-se cada tipo de regra:

- (11) a. nomes que se referem humanos do sexo feminino são femininos;
b. nomes terminados em uma vogal tônica são femininos;
c. nomes derivados com o sufixo *-tion* são femininos.

A regra em (11a) é um caso de atribuição de regra semântica de gênero comum nas línguas do mundo. Em (11b) é uma regra fonológica descrita para o Qafar, uma língua cushitic oriental (cf. CORBETT, 1991, p. 51). (11c) é uma regra morfológica presente no alemão.

Esse tipo de regra não diz muito sobre a complexidade de um sistema de regras, mas esses modelos de regras diferem substancialmente em generalização e, desta forma, no número de nomes que eles podem abarcar. Audring (2014) propõe uma distinção entre *regras amplas*, i.e. regras com amplo escopo, e *regras restritas*, i.e. regras de escopo restrito.

- (12) a. nomes que denotam pessoas do sexo masculino são masculinos, todas os outros são neutros;
b. nomes terminados em vogais tônicas são femininos, todos os outros são masculinos;
c. nomes que pertencem à declinação de classe I são masculinos.
- (13) a. nomes que denotam árvores domésticas são femininos em escandinavo;

- b. nomes que denotam “vazios funcionais” são neutros em alemão;
- c. nomes que denotam carros são femininos em italiano;
- d. nomes que denotam fenômenos que naturalmente ocorrem concomitantes são femininos em norueguês.

(ENGER, 2009)

Vêm-se em (12), exemplos de *regras amplas* e podem consideradas *simples*, pois todo o sistema é contemplado com algumas poucas regras. Por outro lado, em (13), oferecem-se exemplos de *regras restritas*, que têm escopo restrito, exceções e são conflituosas. Uma língua que emprega regras restritas para organizar seus sistemas de gênero precisa de um grande número delas para dar conta de cada e todos os nomes. Desta forma, línguas com este tipo de regra de atribuição são consideradas complexas.

A terceira dimensão, na qual línguas de gênero podem ser mais ou menos complexas, é a expressão formal de gênero na morfologia da língua. Tipicamente, o gênero de um nome não é visível propriamente no nome, mas expresso via concordância em outras palavras, tais como o artigo, o adjetivo, o predicado, o particípio e em vários pronomes.³

Em algumas línguas, a concordância é tão onipresente que praticamente cada palavra na sentença carrega marcação de gênero, como exemplificado na sentença em (14), do chichewa, uma língua bantu da família niger-congo, falada no leste da África (MCHOMBO, 2004, p. 87).

- (14) Ichi ndi chi-tsílu chi-méné kalulú a-na-chí-lémbélá kálata
7.DEF.SG ser 7-bobo 7-REL 1.lebre 1-PST-7-escrever.para 9.carta⁴
“Este é o bobo para quem a lebre escreveu a carta”

Por outro lado, há línguas com expressão de gênero extremamente esparsa. A mais conhecida delas é o inglês, em que gênero é visível apenas em pronomes pessoais e possessivos.

Em síntese, concordância pode ser restringida de diversas formas. Uma ocorrência comum é o fato de o traço de gênero interagir com outros traços apenas quando da realização de certos valores desse traço, como, por exemplo,

³ Corbett (1991, p. 113) oferece exemplos de alvos menos usuais, como adposições e complementizadores.

⁴ Os números 7, 1 e 9 indicam classes dos nomes.

o fato de gênero só ser expresso no singular em alemão, na terceira pessoa no servo-croata e apenas no tempo passado no russo (cf. CORBETT, 1991). Um segundo fator restritivo é o sincretismo. Muitos alvos na concordância não têm formas exclusivas para cada célula do paradigma. Isto reduz a probabilidade de que as marcas forneçam informações de gênero sem ambiguidade (cf. o caso do romeno nos quadros 1 e 2). Um fator complicador final é a forma das próprias marcas de concordância.

CONCLUSÕES

Neste artigo, observamos gênero como uma categoria gramatical. A primeira seção lidou com a natureza de gênero e como ele pode ser concebido através da literatura linguística. Vimos com ênfase as dificuldades empíricas que precisam ser consideradas ao acessarmos a natureza de gênero como uma categoria na gramática. A segunda seção discutiu a manifestação morfosintática de gênero como um traço (complexo), visando as dificuldades em defini-lo como um traço tradicional. A partir de uma revisão do trabalho de Audring (2014), assumiu-se aqui que a complexidade de tal traço é devida a sua funcionalidade interna, e que isso não é motivado por questões puramente morfofonológicas.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A. Inflectional class, gender and DP internal structure. In: Gereon Müller, Lutz Gunkel, & Gisela Zifonun (eds.). *Explorations in Nominal Inflection*. Mouton de Gruyter, Berlin, p. 321-372, 2004.
- AUDRING, J. Gender as a complex feature. *Language Sciences*. Special issue Exploring grammatical gender, v. 43, p. 5-17. 2014.
- AUDRING, J. Gender assignment and gender agreement: evidence from pronominal gender languages. *Morphology*, v. 18, p. 93-116. 2009.
- BAPTISTA, M. *The Syntax of Cape Verdean Creole: the Sotavento varieties*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- CARSTENS, V. Implications of grammatical gender for the theory of uninterpretable features. In: Michael Putnam (ed.) *Exploring Crash-Proof Grammars*. Amsterdam: Benjamins: 2010, p. 31-57.
- CARSTENS, V. *Concord in Minimalist Theory*. *Linguistic Inquiry*, v. 31, p. 319-355. 2000.

-
- CARVALHO, J. H. *Teoria da Linguagem*. Coimbra: Coimbra Editora. 4ª reimpressão, 1967.
- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: M. KENSTOWICZ (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge: MIT Press, p. 1-52. 2001.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries, the framework. In Roger Martin, David Michaels and Juan Uriagereka, eds. *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge: MIT Press, p. 89-155. 2000.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CORBETT, G. Number of Genders. In: DRYER, Matthew S. & HASPELMATH, Martin (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. (Available online at <http://wals.info/chapter/30>, Accessed on 2015-04-04.)
- CORBETT, G. *Agreement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CORBETT, G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CORREA, L.M.S; NAME, M.C.L. The processing of Determiner – Noun agreement and the identification of the gender of Nouns in the early acquisition of Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Edições Colibri - AEJPL, v.2, n.1, p. 19-43. 2003.
- CURZAN, A. *Gender Shifts in the History of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DAHL, Ö. *The Growth and Maintenance of Linguistic Complexity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.
- ENGER, H.-O. The role of core and non-core semantic rules in gender assignment. *Lingua*, v. 119, p. 1281–1299, 2009.
- HELLINGER, M.; BUßMANN, H. (eds.) *Gender across Languages: The Linguistic Representation of Women and Men*. 3 vols. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- HUBER, J. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2 ed. portuguesa, 1933.
- KRAMARAE, C.; TREICHLER, P.A. *A Feminist Dictionary*. Boston: Pandora Press, 1985.
- KRAMER, R. *The Morphosyntax of Gender*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- KRAMER, R. *Definite Markers, Phi Features and Agreement: A Morphosyntactic Investigation of the Amharic DP*. 2009. PhD Dissertation (Linguistics) – University of California, Santa Cruz.
- LEVY, Y. The acquisition of Hebrew plurals: the case of the missing gender category. *Journal of child language*. v. 10, p. 107-121. 1983.
- LUCCHESI, D. A categoria gramatical do género: universais, mudança e crioulização. In: *Razões e Emoções*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol.I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 429-450, 2003.

-
- CÂMARA Jr., J. M. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MCHOMBO, S. *The Syntax of Chichewa*. Cambridge University Press, Cambridge, 2004.
- MCWHORTER, J. The world's simplest grammars are creole grammars. *Linguistic Typology* 5, p. 388–412. 2001.
- MILLS, A. *The Acquisition of Gender: A Study of English and German*. Berlin: Springer, 1986.
- MOORE, S. Grammatical and natural gender in Middle English. *PMLA*, p. 79–103. 1921.
- RESCHER, N. *Complexity. A Philosophical Overview*. New Brunswick and London: Transaction Publishers, 1998.
- SHLONSKY, U. *The hierarchical representation of subject-verb agreement*. Ms. University of Haifa, 1989.
- SIEMUND, P. *Pronominal Gender in English – A Study of English Varieties from a Cross-linguistic Perspective*. London: Routledge, 2008.
- TRUDGILL, P. *Language contact and the function of linguistic gender*. *Poznan Studies in Contemporary Linguistics* 35, p. 133–152. 1999.
- VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG/FCT, 2000.